



PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO CRESCEU 3,43% ATÉ AGOSTO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou crescimento de 0,70% em agosto, acumulando alta de 3,43% de janeiro a agosto de 2016. (Figura 1).

Entre os ramos, o agrícola cresceu 0,69% no mês (após recuar ligeiramente em julho) e segue em elevação no acumulado

do ano, de 4,33%. O ramo pecuário também apresentou desempenho positivo, de 0,72% no mês, com crescimento de 1,49% até agosto.

Com relação aos segmentos do ramo agrícola, todos apresentaram crescimento em agosto. O destaque foi o segmento primário, com alta de 1,06%, seguido por serviços (0,77%), indústria (0,49%) e insumos (0,25%). No acumulado até agosto, todos os segmentos do ramo agrícola também registraram crescimento. O des-

taque novamente foi o segmento primário, com elevação de 7,65%, seguido por serviços (4,41%), insumos (2,89%) e indústria (2,40%).

No ramo pecuário, o crescimento no mês também foi positivo para todos os segmentos: insumos (1,03%), primário (0,83%), serviços (0,55%) e indústria (0,37%). A elevação também prevalece para o acumulado do ano, de 3,12% para insumos, de 1,64% para primário, de 0,46% para indústria e de 0,85% para serviços.

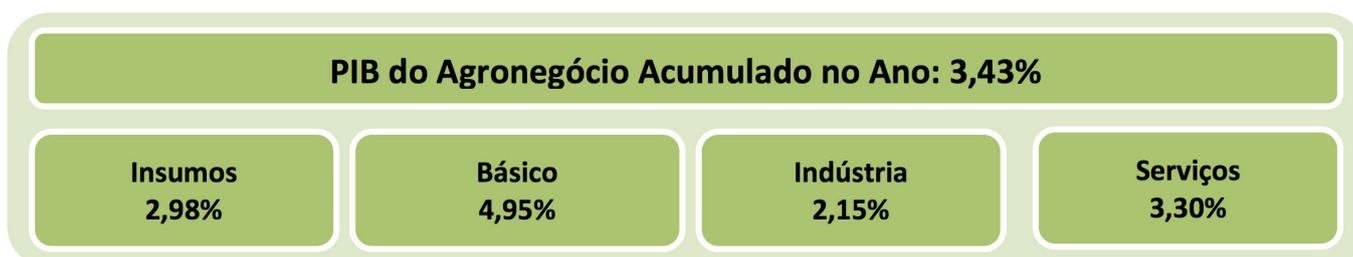


Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: janeiro a agosto/2016 em relação a janeiro a agosto/2015
Fonte: Cepea/USP e CNA.

Rações seguem sustentando alta no segmento de insumos

O segmento de insumos agropecuários apresentou alta de 0,57% em agosto, acumulando crescimento de 2,98% de janeiro a agosto de 2016 (Figura 1).

Entre as indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea, na análise sobre a evolução do PIB, para fertilizantes e adubos, espera-se retração de 12,15% no faturamento anual, explicada pela expectativa de queda na produção do ano (-1,48%) e por preços reais em queda ainda mais expressiva (-10,83%) (Figura 2). Segundo a equipe Custos Agrícolas/Cepea, os preços dos fertilizantes no mercado doméstico seguem em queda

devido à valorização do Real frente ao dólar e à redução dos preços internacionais do produto.

Quanto à indústria de rações, a estimativa é de crescimento do faturamento anual (12,98%), em decorrência do aumento estimado na produção e da elevação dos preços no período (taxas de 3,20% e 9,48%, para produção e preços, respectivamente). Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), a elevação de preços das rações está atrelada, principalmente, às valorizações do milho e da soja ocorridas no mercado doméstico ao

longo do ano, conforme destacado em relatórios anteriores.

Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, a estimativa de variação do faturamento para 2016 fechou em queda de 16,32% na análise feita até agosto, diante de preços 9,63% menores no período e de projeção de recuo na produção anual, de 7,40% (Figura 2). Os números negativos neste setor refletem o cenário de recessão da economia, uma vez que as vendas dos combustíveis no país (gasolina, etanol e diesel) têm passado por queda na comercialização, mesmo com preços também em baixa.

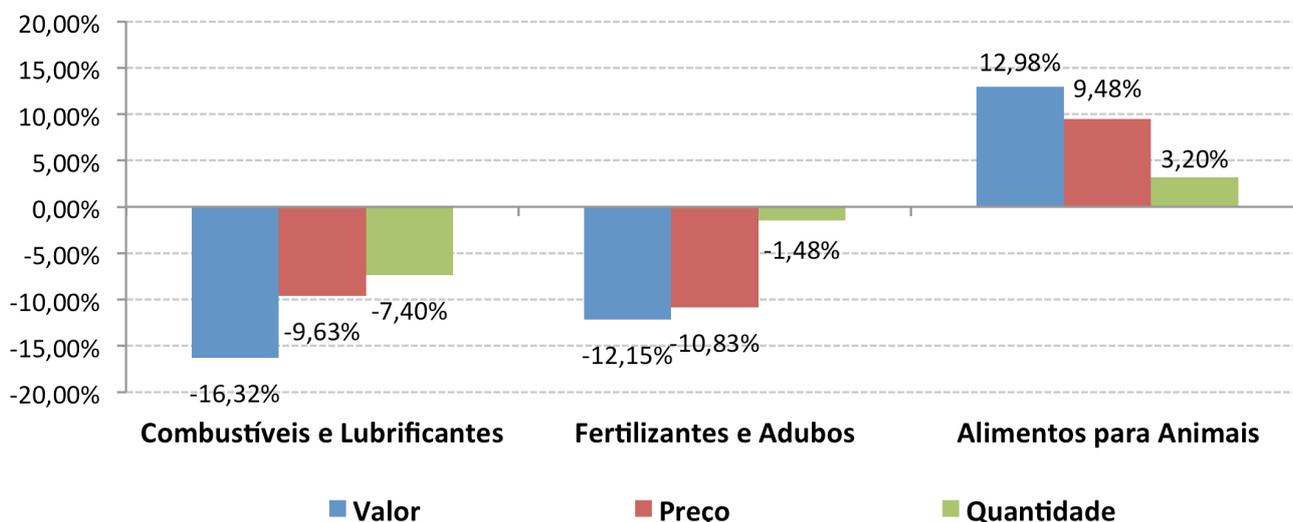


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a agosto/2016 em relação a janeiro a agosto/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

PREÇOS REAIS EM ALTA SUSTENTAM AUMENTO DE 4,95% NO SEGMENTO PRIMÁRIO

O segmento primário do agronegócio cresceu 0,96% em agosto, acumulando alta de 4,95% de janeiro a agosto de 2016. Entre os ramos, o segmento primário da agricultura manteve destaque e acumulou alta de 7,65% no período. Este resultado foi impulsionado pelo aumento real de 18,48% nos preços médios, enquanto a expectativa para a produção anual é de recuo de 4,84%, na média das atividades agrícolas acompanhadas pelo Cepea sobre a evolução do PIB.

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a agosto de 2016, em comparação com o mesmo período de 2015, é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, espera-se crescimento no faturamento anual das seguintes lavouras, ordenadas conforme disposição na figura: banana (31,95%), batata (27,41%), café (12,95%), cana-de-açúcar (11,81%), feijão (5,67%), laranja (31,94%), mandioca (89,28%), milho (26,90%), soja (9,27%) e trigo (31,78%).

Para o café, a elevação anual esperada do faturamento reflete o aumento na quantidade produzida, 14,81%, tendo em vista que os preços recuaram 1,63% na comparação entre os oito primeiros meses de 2016 e o mesmo período de 2015. Assim, como já destacado em relatórios anteriores, o aumento da produção cafeeira no País, em 2016, segundo a Companhia

Nacional de Abastecimento (Conab), decorre de incrementos de área aliados a expressivos aumentos de produtividade em grandes estados produtores, como São Paulo e Minas Gerais. Nestes dois estados, o aumento de produtividade na safra 2016, (comparado com 2015) foram de relevantes 43,7% e 24,6%, respectivamente.

No caso da cana-de-açúcar, a elevação anual estimada no faturamento reflete a estimativa de aumento na produção, de 2,88%, e do crescimento real dos preços até agosto, de 8,68%, na comparação com o mesmo período de 2015. De acordo com dados da Conab, o aumento da produção em nível nacional decorre exclusivamente de ganhos de área, diante de ligeira redução de produtividade.

O crescimento da área plantada, por sua vez, é resultado do que ocorreu com a cana bisada da safra anterior e do aumento de área própria de algumas unidades produtivas. Já a redução esperada na produtividade reflete principalmente a produtividade recorde obtida no Centro-Sul, na safra anterior. Além disso, segundo a Conab, para esta safra, espera-se produtividade próxima ao normal nesta região, segundo aponta a Conab.

Em relação à laranja, o aumento real nos preços (38,75%) reflete o bom resultado esperado para o faturamento anual da cultura, dado que em volume a perspectiva é de recuo anual de 4,91%. Segundo

a equipe Hortifruti/Cepea, as cotações continuaram subindo em agosto, impulsionadas pela fraca oferta do produto no Brasil e na Flórida, nos Estados Unidos. A equipe ainda destaca a previsão de estoques zerados para o final da safra nas indústrias paulistas.

Para a soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre via maiores preços (10,20%), em contraposição à queda registrada na expectativa anual da produção (-0,84%). De acordo com a equipe Grãos/Cepea, mesmo com a alta acumulada no período, os preços caíram nos meses de julho e agosto. A pressão esteve atrelada ao clima favorável das lavouras norte-americanas (que gerou expectativa de maior oferta naquele país), à consequente expectativa de safra mundial recorde no período 2016/2017, à menor demanda externa e à valorização do Real frente ao dólar, conforme destacado em relatórios anteriores.

Quanto ao milho, o forte aumento nos preços reais (61,10%), nos primeiros oito meses de 2016, na comparação com o mesmo período de 2015, permitiu a alta esperada para o faturamento, mesmo com a produção nacional devendo recuar 21,23%. Segundo a equipe Grãos/Cepea, apesar da alta acumulada, especificamente em agosto, os preços foram pressionados pelo avanço da colheita e pela queda na demanda pelo produto. No caso da produção, segundo a Conab, a expectativa de redução decorre da queda de

22% na produtividade, concentrada principalmente na segunda safra do produto.

Com relação à mandioca, o faturamento foi impulsionado pela forte elevação dos preços neste ano, frente ao mesmo período de 2015. Segundo pesquisadores da equipe Mandioca/Cepea, devido a queda nos preços e, por consequência, menor rentabilidade, na safra 2014/2015, houve severa diminuição na área plantada com mandioca, reduzindo a oferta do produto em 2016, uma vez que a cultura é de ciclo longo. Além disso, no início de 2016, por conta do elevado volume de precipitações, boa parte das lavouras teve problemas de podridão radicular, fato que provocou queda na produtividade agrícola. Deste modo, desde meados de julho, houve diminuição expressiva na oferta para a indústria, com consideráveis acréscimos de preços.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, considerando-se informações disponíveis até o fechamento

deste relatório, são: algodão (-4,59%), arroz (-4,99%), cacau (-7,77%), cebola (-10,87%), fumo (-22,86%), tomate (-42,38%) e uva (-28,84%) – Figura 4.

No caso do algodão, o resultado negativo no faturamento foi puxado pela previsão de redução na quantidade produzida (-17,54%) para o ano, já que os preços reais aumentaram 15,71%, na comparação entre janeiro e agosto de 2016 e o mesmo período de 2015. De acordo com a Conab, a queda na produtividade pressionou a produção, dado que a área semeada reduziu pouco em comparação com 2015.

Para o arroz, a queda no faturamento anual está relacionada à expectativa de redução da produção, estimada em 14,80%, em contraposição ao aumento das cotações reais, de 11,52% no período de janeiro a agosto de 2016, em comparação com o mesmo período do ano passado. De acordo com a Conab, a redução da área plantada, junto com o excesso de

chuvas, impactou negativamente na produção e em menor produtividade na região Sul do país, conforme analisado em relatórios anteriores.

Com relação ao tomate, a queda no faturamento anual foi puxada pela expectativa de redução de produção (-13,60%) e também por preços reais menores (-33,31%) na comparação entre períodos. Conforme analisado em outros relatórios, segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, as chuvas e geadas prejudicaram a produção ao longo do ano, principalmente nos estados de São Paulo e Paraná. A baixa nos preços, por sua vez, reflete a antecipação da colheita em importantes regiões produtoras, o que elevou a oferta do produto nos últimos meses, e também o elevado patamar registrado no ano anterior.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais, na comparação de janeiro a agosto de 2016 com o mesmo período de 2015, e da previsão de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

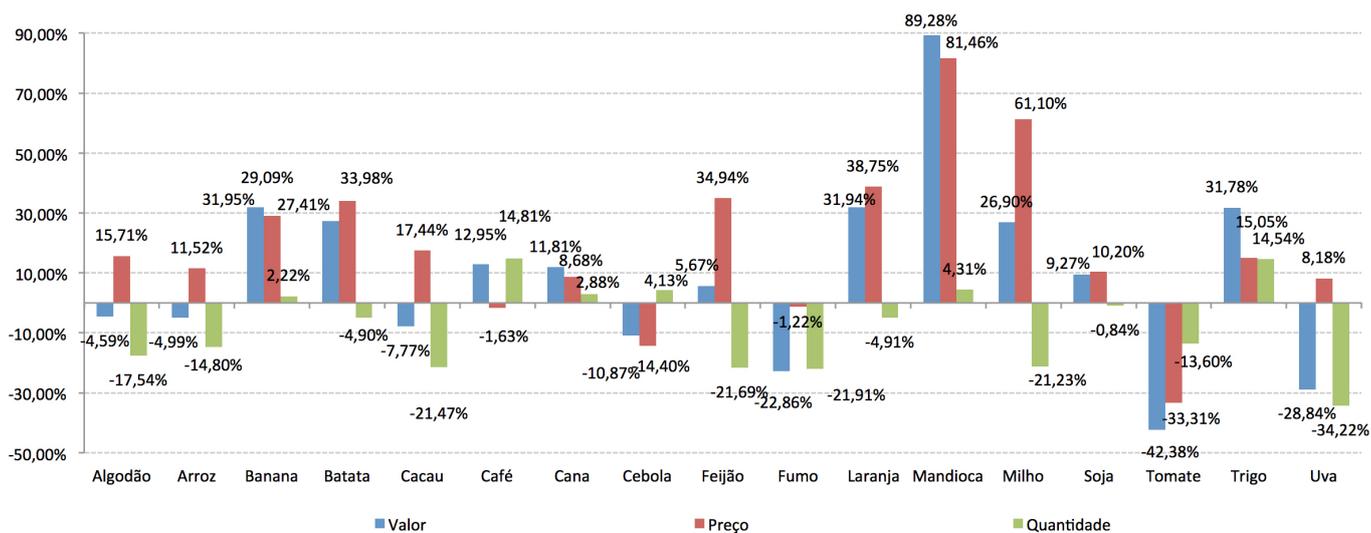


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a agosto/2016 em comparação a janeiro a agosto/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algo-dão	Arroz	Bana-na	Bata-ta	Cacau	Ce-bola	Café	Cana	Feijão	Fumo	La-ranja	Man-dioca	Milho	Soja	Toma-te	Trigo	Uva
Valor	-4,59	-4,99	31,95	27,41	-7,77	12,95	11,81	-10,87	5,67	-22,86	31,94	89,28	26,90	9,27	-42,38	31,78	-28,84
Preço	15,71	11,52	29,09	33,98	17,44	-1,63	8,68	-14,40	34,94	-1,22	38,75	81,46	61,10	10,20	-33,31	15,05	8,18
Quantidade	-17,54	-14,80	2,22	-4,90	-21,47	14,81	2,88	4,13	-21,69	-21,91	-4,91	4,31	-21,23	-0,84	-13,60	14,54	-34,22

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, o aumento foi de 0,83% em agosto, acumulando elevação de 1,64% em 2016. Assim como observado no segmento primário da agricultura, para a pecuária, o resultado de alta atrelou-se aos maiores preços médios reais das atividades, já que a produção média deverá recuar no ano. Para o preço médio ponderado, estima-se elevação de 2,96% no ano, e, para a produção, baixa de 0,35%.

Para a bovinocultura de corte, a queda esperada no faturamento anual reflete o comportamento dos preços, que apresentaram retração de 4,41% na comparação entre períodos (e já descontada a inflação), e a redução da produção anual, estimada em 2,34%. Segundo a equipe Boi/Cepea, em agosto registrou-se a maior queda mensal de preços de 2016. Apesar da baixa oferta de animais, os frigoríficos estiveram fora das negociações no mês, o que pressionou os valores da arroba. Para preencher as escalas, as indústrias teriam abatido animais adquiridos anteriormente.

Na avicultura de corte, a variação do faturamento foi positiva, com elevações dos preços reais (3,39%) e aumento na expectativa anual de produção (4,29%).

Para a avicultura de postura, o cenário também foi de alta tanto em preços quanto produção. Os preços estiveram em patamares 18,17% maiores e a produção, 2,34%. No caso das cotações, segundo a equipe Ovos/Cepea, a valorização no ano deveu-se ao forte aumento nos custos de produção. O avicultor de postura repassou as altas para o comprador atacadista e varejista que, por sua vez, manteve o volume de compras mesmo com preços mais elevados. Isso foi possível porque, com as cotações elevadas das carnes, e uma parcela da população substituindo essa fonte de proteína pelo ovo, a demanda por ovos esteve aquecida.

Com relação à suinocultura, os preços foram 7,10% menores na comparação dos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2015. O aumento estimado da produção (8,57%) proporcionou variação positiva do faturamento estimado para este ano. No caso das cotações, segundo a equipe Suínos/Cepea, apesar da queda acumulada no período, no mês de agosto observou-se alta, impulsionada pela baixa oferta de animais para abate e pelo aquecimento da demanda.

Na atividade leiteira, os preços registraram aumento real de 16,03% na comparação entre períodos, com queda de 6,35% para a produção anual. De acordo com a equipe Leite/Cepea, os preços atingiram recorde em agosto, considerando-se toda a série histórica do Cepea para este produto, iniciada em janeiro de 2000. A alta dos preços pagos ao produtor no ano, e a recente desvalorização do milho, incentivaram maiores investimento no setor. Para pesquisadores da equipe Leite/Cepea, a elevação das cotações a nível nacional reflete uma mudança de cenário de 2015 para 2016.

Enquanto 2015 apresentou fraca demanda, a crise econômica provocou impacto negativo no poder de compra do consumidor, mas a oferta permaneceu estável, em 2016. Devido a problemas climáticos e ao desestímulo à produção diante dos altos custos, verificou-se um enjugamento da oferta nacional. Então, ao longo do semestre, altas sucessivas nas cotações foram verificadas.

Na Figura 4, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.

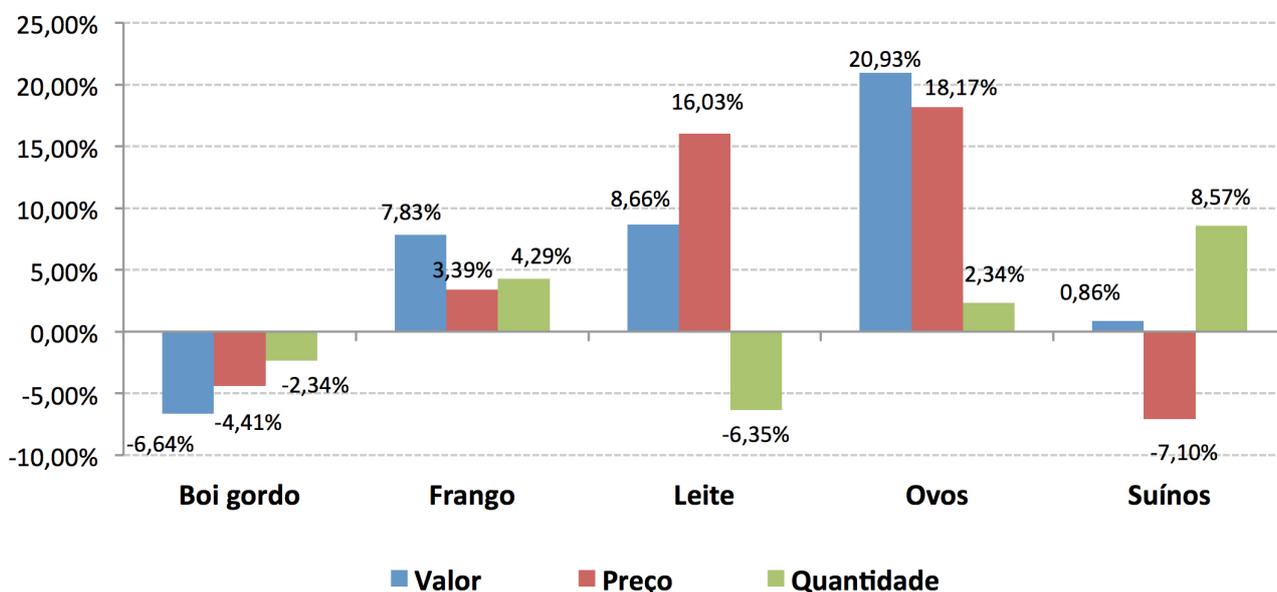


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a agosto/2016 em comparação a janeiro a agosto/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

AGROINDÚSTRIA VOLTA A TER CRESCIMENTO EM AGOSTO

Após recuar em julho, a agroindústria nacional teve crescimento de 0,47% em agosto, acumulando alta de 2,15% de janeiro a agosto de 2016 (Figura 1). Esse cenário é resultado de variações positivas nas atividades de processamento vegetal (0,49%) e animal (0,37%) no mês. No acumulado,

também, ambos os ramos apresentaram crescimento.

No caso da indústria de base agrícola, a elevação anual está relacionada, principalmente, às altas no faturamento das indústrias de açúcar, etanol (elementos químicos), outros alimentos e óleos vegetais.

Assim, como pode ser observado para o segmento primário, no ano, o resultado positivo da indústria agrícola decorre da alta de preços – elevação real média de 7,10% –, tendo em vista a redução de 3,07% na produção média.

De janeiro a agosto de 2016, as indústrias com aumento no faturamento foram: celulose e papel (1,83%), elementos químicos (etanol) (3,64%), café (2,04%), beneficiamento de produtos vegetais (1,36%), açúcar (32,17%), óleos vegetais (6,58%) e outros alimentos (4,04%) (Ver Tabela 2).

Para a agroindústria de celulose e papel, o resultado positivo no faturamento anual veio da alta registrada nos preços, de 1,75%, e da elevação da produção anual, de 0,87% (Figura 5). Vale mencionar que os preços desaceleraram ao longo dos oito primeiros meses de 2016, ainda que a média do período tenha sido superior à observada no mesmo período de 2015. Segundo pesquisadores da equipe Economia Florestal/Cepea, os preços em dólares da celulose no mercado de São Paulo recuaram ao longo do primeiro semestre de 2016, refletindo a retração ocorrida nas cotações internas.

No mercado de etanol, a expectativa anual da produção é de recuo em 8,51%. De acordo com a Conab, uma maior parcela da moagem de cana-de-açúcar foi destinada à produção de açúcar, o que tem influenciado na redução da produção de etanol na safra atual, conforme analisado em relatórios anteriores. Para os preços, o crescimento real foi de 15,32%, de janeiro a agosto de 2016, em relação ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Etanol/Cepea, as cotações de etanol fecharam agosto em alta, impulsionadas pela limitada oferta do produto, dado que as usinas tem priorizado a produção de açúcar.

Em relação à indústria açucareira, o desempenho positivo no faturamento anual se deve tanto ao aumento de preços, de 27,34% na comparação entre períodos, quanto à projeção de crescimento da produção, em 19,33% para o ano. Segundo a

equipe Açúcar/Cepea, as usinas estão priorizando a produção de açúcar, diante da alta dos preços da commodity, sendo esta expansão sustentada pela maior demanda externa e pela expectativa de déficit global do produto.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-10,55%), têxtil (-8,31%) e vestuário (-10,20%) – ver Tabela 2. O desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se, em geral, a quedas estimadas para a produção, decorrentes principalmente da diminuição da demanda interna, devido à crise econômica do País.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias de janeiro a agosto de 2016, frente ao mesmo período do ano anterior.

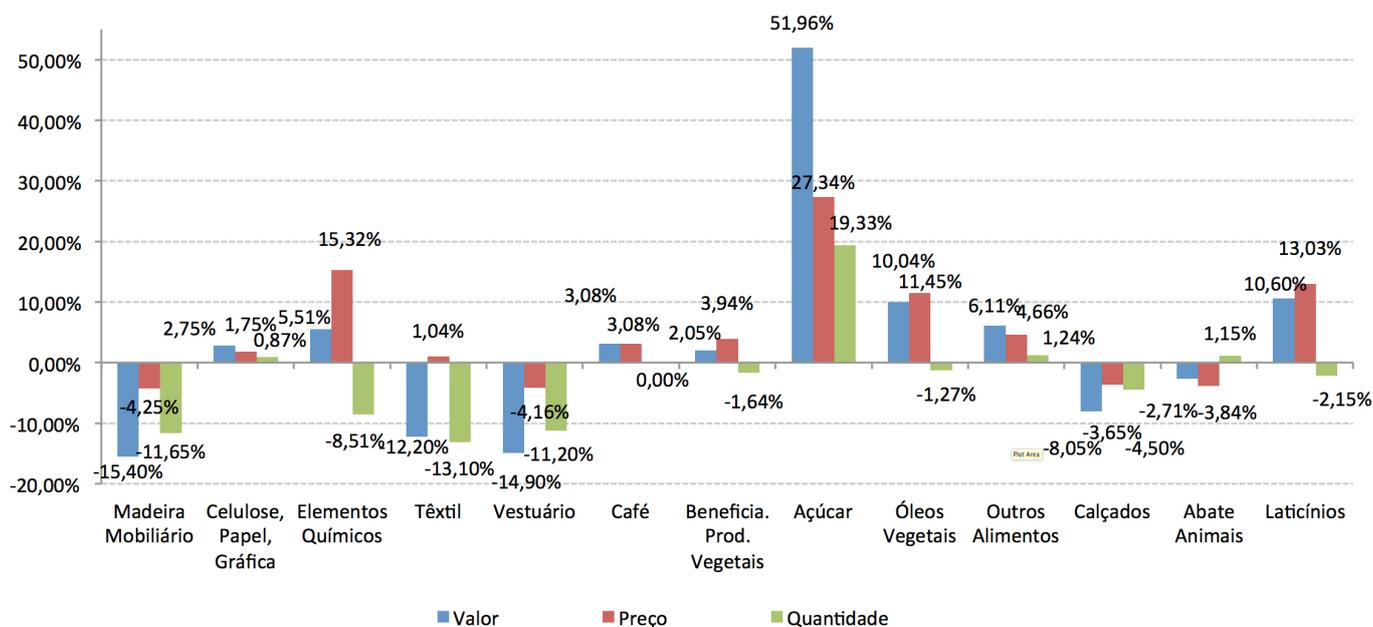


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a agosto/2016 em relação a janeiro a agosto/2015)
 Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, somente a indústria de laticínios apresentou crescimento no período (6,95%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retração de 1,82% e de 5,44%, respectivamente (Ver Tabela 2).

Já em relação à indústria de laticínios, a produção de janeiro a agosto de 2016 apresentou redução de 2,15%, comparado ao mesmo período de 2015. Para os preços reais, o aumento registrado foi de 13,03% na comparação entre períodos (Figura 5). No caso das cotações, seguindo o movimento do preço do leite pago ao produtor, a elevação nos preços dos derivados relacionou-se à menor oferta de matéria-

-prima, segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea.

Na indústria do abate, o desempenho negativo no faturamento anual é resultado da redução registrada nos preços (-3,84%) na comparação entre janeiro a agosto de 2016 e o mesmo período de 2015. Quanto à produção, a expectativa foi de elevação, em 1,15%. Com a recessão na economia, os consumidores brasileiros têm buscado alternativas no consumo de proteína, o que tem impactado negativamente nas vendas do setor.

Ao mesmo tempo, o comportamento do câmbio ao longo do ano (ainda relativa-

mente desvalorizado na comparação com 2015), tem tornado a carne brasileira competitiva, favorecendo os embarques ao exterior como forma de escoar a produção em um cenário pouco animador no mercado nacional. Segundo a equipe Boi/Cepea, de janeiro a agosto, os embarques de carne bovina brasileira acumularam 737 mil toneladas, quase 10% acima do volume exportado no mesmo período de 2015. A receita em dólar somou US\$ 350,8 milhões, 7,8% superior à de julho, mas 13,2% inferior aos US\$ 404,2 milhões obtidos em agosto de 2015. Em moeda nacional, os embarques renderam R\$ 1,12 bilhão, aumento de 5,4% em relação a julho, mas baixa de quase 21% em um ano.

Para a indústria de couro e calçados, a redução esperada no faturamento anual foi pressionada por expectativa de queda na produção anual (-4,50%) e preços reais

menores na comparação entre janeiro e agosto de 2016 com o mesmo período de 2015 (-3,65%). Assim como outras atividades industriais, o faturamento em baixa

desta indústria é reflexo da retração na economia brasileira.

SERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, apresentou crescimento de 0,70% em agosto, acumulando alta de 3,30% de janeiro a agosto

de 2016 (Figura 1). No mês, o impulso veio do crescimento dos ramos agrícola e pecuário, enquanto que, no acumulado, o ramo agrícola se destaca no resultado final. Em agosto, para os serviços referentes à agricultura, a alta registrada foi de 0,77% e, no

acumulado, de 4,41%. No ramo pecuário, a elevação atingiu 0,55% no mês e 0,85% no acumulado dos oito primeiros meses do ano.

CONCLUSÕES

Nos oito primeiros meses de 2016, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou crescimento de 3,43%. Tanto para o ramo agrícola quanto para o pecuário, a valorização real dos preços tem contribuído para o desempenho positivo dos segmentos, uma vez que, em volume, o cenário para importantes atividades tem sido de baixa. Especificamente em agosto, as elevações foram de 0,69% para o ramo agrícola e de 0,72% para o pecuário, resultando em crescimento de 0,7% para o agronegócio no mês.

O destaque positivo, no segmento de insumos, tem sido a indústria de rações, impulsionada por maiores preços e produção. Em contrapartida, a variação negativa no setor de combustíveis e lubrificantes, importante termômetro no desempenho

da economia, tem refletido o cenário de recessão do país.

As elevações nos preços da cana, mandioca, milho e soja, impulsionaram o segmento. Para as duas primeiras, as altas de preço e produção no ano permitiram resultado positivo. Já para o milho e a soja, mesmo diante de redução na produção, a expressiva valorização real das cotações elevou o faturamento. No segmento primário da pecuária, enquanto o frango destacou-se como impacto positivo, a bovinocultura de corte pressionou o desempenho do segmento.

Na indústria da base agrícola, destacou-se o cenário positivo para o setor sucroalcooleiro, e as retrações relevantes para têxtil

e vestuário, que seguem sofrendo com o mercado interno desaquecido. No setor processamento de produtos de origem animal, a indústria de laticínios foi destaque em crescimento no período, impulsionada pela forte elevação de preços diante da falta de matéria-prima.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, o cenário segue desfavorável, com projeções de recuo de 3,22% do PIB em 2016 (Relatório Focus – 21/10), após revisões para baixo da variação durante quatro semanas. Essa conjuntura ruim tem se refletido em redução da produção industrial também do agronegócio, em especial para setores voltados ao mercado interno. Então, como já destacado, o crescimento do agronegócio no período refletiu, principalmente, a valorização real de preços.

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Junho	0,27	0,23	-0,21	-0,07	0,02
Julho	0,26	0,25	-0,38	-0,16	-0,05
Agosto	0,02	0,07	0,29	-0,01	0,10
Setembro	0,43	0,37	0,74	0,57	0,54
Outubro	0,37	0,56	0,13	0,14	0,29
Novembro	0,28	0,52	0,36	0,31	0,38
Dezembro	0,42	0,64	0,89	0,80	0,73
Janeiro	-0,04	0,11	0,50	0,21	0,23
Fevereiro	0,16	0,29	0,28	0,32	0,28
Março	0,22	0,36	0,17	0,24	0,25
Abril	0,84	1,21	0,19	0,53	0,67
Mai	0,50	0,76	-0,72	0,14	0,13
Junho	0,57	0,96	0,47	0,70	0,70
Acum. no Período (2016)	2,98	4,95	2,15	3,30	3,43

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,46	0,43	-0,26	-0,16	0,01
Agosto	0,60	0,80	-0,40	-0,11	0,07
Setembro	0,53	0,68	0,36	0,17	0,40
Outubro	0,88	1,00	0,84	0,89	0,90
Novembro	0,69	1,12	0,15	0,22	0,46
Dezembro	0,61	1,20	0,44	0,57	0,68
Janeiro	0,50	0,92	1,02	1,09	0,96
Fevereiro	-0,10	0,29	0,58	0,34	0,37
Março	-0,01	0,39	0,35	0,48	0,36
Abril	0,27	0,71	0,18	0,37	0,37
Maiο	1,05	1,90	0,21	0,70	0,85
Junho	0,28	0,95	-0,89	0,02	-0,04
Julho	0,25	1,06	0,49	0,77	0,69
Acum. no Período (2016)	2,89	7,65	2,40	4,41	4,33

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,00	-0,02	0,14	0,10	0,04
Agosto	-0,22	-0,39	-0,20	-0,25	-0,30
Setembro	-0,69	-0,65	-0,14	-0,40	-0,52
Outubro	-0,19	-0,38	0,06	-0,14	-0,23
Novembro	-0,09	-0,11	-0,02	-0,04	-0,08
Dezembro	-0,19	-0,31	-0,19	-0,26	-0,26
Janeiro	0,30	0,30	0,04	0,17	0,23
Fevereiro	0,03	-0,12	-0,01	-0,08	-0,07
Março	0,40	0,17	-0,24	-0,06	0,09
Abril	0,16	-0,08	0,08	-0,04	-0,01
Maiο	0,54	0,33	0,04	0,15	0,27
Junho	0,81	0,52	0,38	0,41	0,51
Julho	1,03	0,83	0,37	0,55	0,72
Acum. no Período (2016)	3,12	1,64	0,46	0,85	1,49

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Agosto	-0,53	0,82	-0,26	-1,87	-0,89	0,00
Setembro	-1,48	0,78	-0,48	-2,62	-2,04	0,05
Outubro	-2,01	1,02	2,73	-2,53	-1,75	0,24
Novembro	-1,90	0,44	2,45	-2,47	-1,69	0,28
Dezembro	-2,20	0,73	2,03	-1,81	-2,70	0,31
Janeiro	-1,19	0,61	1,67	-1,37	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,15	0,84	1,61	-1,44	-1,20	-0,11
Março	-1,49	0,65	2,46	-1,73	-1,29	0,13
Abril	-1,49	0,33	0,28	-1,59	-1,12	0,21
Maiο	-1,74	0,43	0,23	-1,20	-1,28	0,27
Junho	-1,83	-0,10	0,77	-1,13	-1,77	0,36
Julho	-1,36	-0,43	-3,99	-0,47	-1,23	0,50
Agosto	-0,82	-0,51	0,68	0,32	-1,39	0,61
Acum. no Período (2016)	-10,55	1,83	3,64	-8,31	-10,20	2,04

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Agosto	-2,07	0,97	1,06	0,03	-0,98	0,51	-0,30
Setembro	-1,69	1,08	1,93	-0,18	-1,65	0,18	-0,56
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	0,07	-1,75	-0,13	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,45	-1,31	0,27	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,03	-0,19	-1,79	0,19	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,66	-0,01	-0,89	-0,22	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,49	0,22	-0,66	-0,02	0,36
Março	-1,19	2,00	0,51	0,23	-0,89	-0,14	0,49
Abril	1,67	2,35	0,75	0,38	-0,73	-0,52	0,47
Maiο	-0,34	2,64	1,06	0,55	-0,82	-0,27	1,05
Junho	-1,03	3,46	0,98	0,63	-0,74	-0,37	1,10
Julho	-1,14	7,76	0,47	1,07	-1,12	-0,07	1,68
Agosto	0,56	4,29	-0,51	0,91	0,29	-0,21	1,56
Acum. no Período (2016)	1,36	32,17	6,58	4,04	-5,44	-1,82	6,95

Fonte: CEPEA-USP e CNA